

Circularidades de saberes em tempos pandêmicos: por uma didática racial.

Luís Paulo Cruz Borges –

Professor do Instituto de Aplicação Fernandes Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ)

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19 que nos surpreendeu em muitos sentidos colocando em xeque concepções de educação, escola, docência, currículo e didática tão presentes e/ou cristalizadas em nossos discursos pedagógicos. Dentro do contexto pandêmico, fomos conversando, no CAp-UERJ, sobre nossas concepções e práticas. Uma conversa pedagógica, usando a expressão de Carlos Skliar (2018), para (re)pensar a escola frente às desigualdades socioeducacionais.

As fronteiras entre escola e vida privada foram borradas de forma que esse entrelace passou a fazer parte cotidianamente de nossas reflexões. Trabalhamos, em um processo de construção coletiva e plural, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com o tema gerador Direitos Humanos. Também é preciso destacar que nossos encontros síncronos em roda de conversa possibilitaram reflexões necessárias e urgentes.

Venho debatendo, especificamente, sobre o racismo e a luta antirracista em nossa sociedade a partir do Projeto Direitos Humanos, departamental, e de Iniciação à Docência (ID), individual, pensando uma *didática racial* na escola. Trabalhando com curtas-metragens tendo crianças como protagonistas fomos problematizando as infâncias e as questões raciais. O que dizem e pensam as crianças sobre o racismo? Como pensam e o que dizem sobre a luta antirracista?

Racismo para mim é quando uma pessoa discrimina outra por causa da cor da pele dela. Eu acho que o racismo é tipo um palavrão ou seja é muito feio. O racismo pode ser acabado desde quando a pessoa é criança, ensinando desde cedo a respeitar uns aos outros (Solano Trindade¹, 5º ano, CAp-UERJ, 10 anos).

O ano de 2020, além da pandemia exacerbou que a luta antirracista é urgente e necessária. Estamos debatendo, coletivamente, como pensar essa sociedade tendo a questão racial como chave de leitura. Assim sendo, vimos alguns curtas: i) Ana e a cor de pele; ii) Dúdí e o lápis cor de pele; iii) Disque Quilombo; iv) A câmera de João; v) Cores e Botas que problematizavam os tons de pele, as questões de raça e cor, bem como, ser criança em um mundo que lida com o racismo.

Por fim, as vozes das crianças são lidas como potências que nos ensinam mais e mais sobre um mundo Outro possível que problematize questões de raça/cor e produza uma didática racial sensível à realidade da escola.

*O que você pensa sobre crianças que sofrem racismo?
É uma coisa muito ruim. Ninguém deveria sofrer racismo, porque é uma coisa errada e cruel (Luiza Mahin, 5º ano, CAp-UERJ, 10 anos).*

Referências

SKLIAR, C. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: Thiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmem Sanches Sampaio (Orgs). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, p. 11-14, 2018.

¹ Nomes fictícios em homenagem aos nossos ancestrais que abriram caminho para nossa militância de hoje.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA/ CAP-UERJ
CIRCULARIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE: POR UMA DIDÁTICA RACIAL
ORIENTADOR: LUIS PAULO BORGES
BOLSISTA: JOÃO COSTA

IGUALDADE
AMOR PRÓPRIO APOIO
AMOR APOIO CONFIANÇA
RESPEITO AMOR
INSURGÊNCIA CONFIANÇA DESCOLONIZAR
FORÇA APOIO REPRESENTATIVIDADE
RESPEITO IGUALDADE
CONFIANÇA AMAR RESISTÊNCIA APOIO
RESISTÊNCIA FORÇA LUTA
AMOR PRÓPRIO
HISTÓRIA



